III Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 24 e 25 de outubro de 2018

MARCEL MAUSS, EPÍSTOLA AOS HEBREUS E O SACRIFÍCIO: APROXIMAÇÕES ENTRE AS LEITURAS

Álvaro C. Pestana*

Resumo

A partir da teoria geral do sacrifício proposta por Mauss e Hubert em seu clássico "Sobre o sacrifício" realizaremos uma leitura do texto neotestamentário, a Epístola aos Hebreus, indicando as ressonâncias das observações destes antropólogos com a descrição dos sacrifícios judaicos e cristãos referidos no documento. O objetivo deste trabalho será utilizar as contribuições de Mauss-Hubert para analisar as declarações da Epístola aos Hebreus. A pesquisa bibliográfica apontará para o fato que os aportes teóricos da obra de Mauss e Hubert apesar de datados do Século XIX, ainda são úteis como arcabouço teórico para a abordagem da questão dos sacrifícios nos textos neotestamentários na atualidade.

Palavras-chave: Marcel Mauss; Sacrifício; Epístola aos Hebreus; Cristianismo primitivo.

INTRODUÇÃO

Marcel Mauss e Henri Hubert não citam explicitamente em momento algum, o Novo Testamento em seu clássico "Sobre o sacrifício". Pode-se notar nas referências o uso da Patrística cristã e de teólogos modernos, mas não se encontram referências ao Novo Testamento. Contudo, em alguns momentos, a linguagem de suas conclusões aproxima-se, em vários graus e modos, dos textos do Novo Testamento, sobretudo, da Epístola aos Hebreus.

Num levantamento bibliográfico breve, nota-se que a maior parte das obras clássicas consultadas que tratavam sobre os sacrifícios na religião de

* Doutorando em Ciências da Religião pela UNICAP, Mestre em Letras Clássicas pela USP, Especialista em Docência Superior de Teologia pela FABAPAR, Especialista em Educação a Distância pela UNIGRAN, Bacharel em Teologia pelo SBN (convalidado FACETEN), Bacharel em Química pela UNICAMP. Professor do Seminário Teológico EBNESR e da Escola de Teologia em Casa. alvarocpestana@gmail.com

Israel e no cristianismo não citam os trabalhos de Mauss-Hubert. Este afastamento constatado não se justifica, pois a abordagem destes antropólogos se revela útil como ferramenta hermenêutica do significado dos sacrifícios neste texto bíblico. O objetivo deste trabalho será utilizar as contribuições do clássico de Mauss-Hubert "Sobre o Sacrifício" para analisar as declarações da Epístola aos Hebreus sobre o sacrifício no judaísmo e, principalmente, no cristianismo.

DISCUSSÃO

A Epístola aos Hebreus, dentre todos os livros que integram o Novo Testamento, é o que mais trata da questão do sacrifício israelita, aproximando esta discussão da morte de Jesus, encarada como uma morte sacrificial:

> Hebreus retorna ao conceito cultual do Antigo Testamento. Com base em sua comparação distintiva de Cristo com o sumo sacerdote (ἀρχιερεὺς), revive especialmente o pensamento de expiação, que está ligado supremamente com a oferta do sumo sacerdote no dia da expiação, Hb 9.7. O sacrifício sangrento através do qual o sumo sacerdote expia o pecado do povo é um tipo de sacrifício do sumo sacerdócio de Cristo, Hb 8-10. Por uma comparação das duas ofertas, que é reforçada por olhares subsidiários para outras ofertas, por exemplo, Hb 9.9-10, 13, 18, o conceito de sacrifício no sentido estrito (cf. Hb 9.22) parece ser de importância central significância para uma estimativa teológica da obra de Cristo. (BEHM, 1964, p. 185).

A Epístola aos Hebreus é rica em termos de vocabulário sobre os rituais sacrificiais. Os termos estão tabelados abaixo, com suas ocorrências na epístola:

Termos	Tradução (GINGRICH; DANKER, 1994)	Número de ocorrências	Referências
thysia θυσία	Sacrifício, oferta, oferenda (p. 99)	15	5.1; 7.27; 8.3; 9.9, 23, 26; 10.1, 5, 8, 11, 12, 26; 11.4; 13.15, 16
thysiastérion θυσιαστήριον	Altar (p. 99)	2	7,13; 13.10
doron δῶρον	Dom, presente, oferta, dom sacrificial (p. 60)	5	5.1; 8.3, 4; 9.9; 11.4
prosphorá προσφορά	Oferta, sacrifício, apresentação; aquilo que é trazido, ofertado, dom, oferenda (p.180)	5	10.5, 8, 10, 14, 18
prosphatos πρόσφατος	Novo (p. 179)	1	10.20
holokautoma ὁλοκαύτωμα	Oferta totalmente queimada, holocausto (p. 145)	2	10.6, 8

Janzen (2004, p. 76) sumariza a ponto de vista de Mauss e Hubert sobre o sacrifício como uma das teorias universais do sacrifício do final do Século Dezenove:

> Seu trabalho baseou-se primariamente sobre a descrição do sacrífico nos textos sagrados do hinduísmo e do antigo Israel, e argumentou que o rito primariamente altera a condição do sacrificador e dos objetos que ele ou ela estão sacrificando. Através de um ato de consagração, a vítima sacrifical torna-se santa e é capaz de comunicar sua santidade ao sacrificador. O sacrificador, que vive em um mundo profano, deseja comunicar-se com o sagrado porque é deste último a fonte da vida. Assim, o sagrado é tão poderoso que um mediador é necessário, e este, concluem Hubert e Mauss, é o papel da vítima sacrificial. Através da santidade comunicada pela vítima, o sacrificador pode então entrar em contato com o sagrado, sem expor sua vida ao risco (JAZEN, 2004, p. 76).

Desta citação, recolhemos os elementos fundamentais da obra de Mauss e Hubert com os quais faremos a leitura do discurso da Epístola aos Hebreus no que diz respeito aos sacrifícios.

Os sacrifícios alteram as condições dos envolvidos conforme a definição de Mauss e Hubert: "O sacrifício é um ato religioso que mediante

a consagração de uma vítima modifica o estado da pessoa moral que o efetua ou de certos objetos pelos quais ela se interessa" (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 21).

Também Hebreus 9.23 reafirma o papel de mudar a condição dos envolvidos pelos sacrifícios: "Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que estão nos céus fossem purificadas com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais requerem sacrifícios superiores àqueles."

Também as observações sobre os dois tipos de sacrifícios, de sacralização e de dessacralização, são úteis para compreender certos fenômenos descritos nos textos sobre o sacrifício em Hebreus. Mauss e Hubert afirmam:

> De todos os procedimentos sacrificiais, os mais gerais, os menos ricos em elementos que pudemos obter, são os de sacralização e de dessacralização. Ora, em todo sacrifício de dessacralização, por mais puro que seja, nem sempre encontramos uma sacralização da vítima. Inversamente, em todo sacrifício de sacralização, mesmo o mais caracterizado, uma dessacralização está necessariamente implicada; pois de outro modo os restos da vítima não poderiam ser utilizados. Esses dois elementos são, portanto, tão interdependentes que um não pode existir sem o outro (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 103)

O sacrifício de Jesus, apesar de sagrado, representou um processo de dessacralização que libertou os seguidores de Cristo da sacralidade do judaísmo. Conforme Hebreus 13.11, os animais sacralizados no tabernáculo, local sagrado, por meio do sacrifício tinham o resto de seus cadáveres dessacralizados fora do acampamento, o local menos sagrado de todos. Ora, como o sacrifício de Cristo ocorreu fora do âmbito do templo de Jerusalém, onde estava o lugar sagrado, uma inversão de sacralidade ou uma sacralização do não-sagrado e uma dessacralização do sagrado no judaísmo. Assim, o autor de Hebreus pretende, na linguagem de Mauss e Hubert, inverter os valores dos sacrifícios, elegendo o dessacralizado ao invés do sacralizado, justificando, desta forma, a opção cristã de abandono do judaísmo.

Mauss e Hubert assinalam a busca de unidade com o divino por meio do sistema sacrificial: "Esse procedimento consiste em estabelecer uma comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano por intermédio de uma vítima, isto é, de uma coisa destruída durante a cerimônia" (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 105).

Ora, Este estabelecimento de conexão entre o mundo sagrado e o profano, na epístola aos Hebreus, se observa tanto na descrição do sacrifício hebreu como na sua aplicação ao sacrifício de Cristo.

> Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo! (HEBREUS 9.13-14).

Tanto os sacrifícios hebreus estabeleciam a ligação do povo com o divino por meio da transmissão de "purificação da carne" como também, de modo superior, o sacrifício de Cristo ligava os homens com Deus pela "purificação da consciência".

O sacrifício como intermediação e trânsito onde "a vítima transmite um caráter sagrado do mundo religioso ao mundo profano ou vice-versa; ela é indiferente ao sentido da corrente que a atravessa" (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 105) também é um tema sumamente importante na Epístola aos Hebreus, pois um dos termos-chave da obra para designar o papel de Jesus é "Mediador" (μεσίτης). O termo designa a atuação de Cristo no estabelecimento da Nova Aliança. Por oferecer a si mesmo como sacrifício (Hb 9.14) ele se torna mediador (Hb 9.15) entre os homens e Deus (Hb 8.6; 12.24; 1Tm 2.5).

Assim, na espiritualização do sacrifício judaico, proposta pelo cristianismo, Cristo ainda atua como mediador que permite o contato com o divino (Hb 13.15).

Esta mediação permite, conforme Mauss e Hubert, a aproximação do divino. A vítima sacrificial morre para que o ofertante possa viver e não sucumba no contato com o divino:

> Como entender que só se comunique com o sagrado por via de um intermediário? Os efeitos destrutivos do rito explicam em parte esse estranho procedimento. Se as forças religiosas são em si mesmas o princípio das forças vitais, são de uma tal natureza que seu contato é perigoso para o vulgo. Sobretudo quando atingem um certo grau de intensidade, não podem se concentrar num objeto profano sem destruí-lo. Portanto, por maior que seja a necessidade do profano ele só pode abordá-las com a mais extrema prudência. Eis por que intermediários se introduzem entre elas e ele, sendo que o principal é a vítima. Se o sacrificante se envolvesse completamente no rito, encontraria a morte e não a vida. A vítima o substitui. Somente ela penetra na esfera perigosa do sacrifício e ali sucumbe, estando ali para sucumbir. O sacrificante permanece protegido: os deuses tomam a vítima em vez de tomá-lo. *Ela o redime*. (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 106)

O temor de oferecer-se para oferecer sacrifícios sem ser chamado por Deus era fortalecida pela história veterotestamentária da revolta de Coré, Dotã e Abirão que tentaram exercer o sacerdócio sem serem chamados e foram mortos por Deus (Números 16). Este temor é explicitamente declarado em na Epístola aos Hebreus lembrando que além dos sacerdotes, já chamados por Deus para efetuar o ritual, ninguém ousa tomar esta postura se não for chamado por Deus (Hb 5.1-4).

O aspecto substitutivo do sacrifício de Cristo não é afirmado diretamente na Epístola aos Hebreus da mesma forma que se encontra em outros textos neotestamentários (Rm 3.24-25; 2Co 5.21; Gl 3.13-14; 1Tm 1.15; etc.), contudo, de modo indireto, a ideia que Cristo morre "para fazer propiciação pelos pecados do povo" (εἰς τὸ ἱλάσκεσθαι τὰς ἁμαρτίας τοῦ λαοῦ), aponta com clareza para este caráter substitutivo de seu sacrifício de si mesmo (Hb 2.17). Sua morte foi vicária para remover os pecados (Hb 9.28), foi a oferta do seu corpo que realizou a redenção (Hb 10.10, 13, 14).

A ligação de sacrifício e remissão é clara em nossos autores: "Não há sacrifício em que não intervenha alguma ideia de remissão" (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 107). Esta citação faz uma clara alusão às declarações da Epístola aos Hebreus que vinculam sacrifício e remissão:

> De fato, segundo a lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. (Hebreus 9.22)
>
> Ora, onde há remissão de pecados, não existe mais necessidade de sacrifício pelo pecado. (Hebreus 10.18)

De fato, o autor de Hebreus enfatiza que o sacrifício de Cristo é superior aos sacrifícios, na sua avaliação, por ser aquele único e irrepetível, oferecendo redenção eterna:

> O sacrifício de Cristo não é uma conquista material prescrita que deve ser repetida continuamente por homens pecadores. É um ato gratuito e pessoal de doação que o Filho sem pecado e eterno realiza de uma vez por todas (ἐφάπαξ, → I, 381; 10.11ss; 7.23-24, 27-28.; 9.6-7, 11-12, 25-26). Por esta razão, ele tem o poder de efetuar não apenas purificação externa, mas a limpeza da consciência (9.13-14, Cf. 9). Não é uma tentativa vã de expiação (10.1ss); alcança a eterna redenção (9.12; 10.14). (BEHM, 1964, p. 185).

Mauss e Hubert enfatizam o fato que o sacrifício, muitas vezes, assinala uma aliança e contratualidade:

> Eis por que ele foi frequentemente concebido sob a forma de um contrato. No fundo, talvez não haja sacrifício que não tenha algo de contratual. As duas partes envolvidas trocam seus serviços e cada uma tem sua vantagem. (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 108)

O autor de Hebreus usa esta ideia de contratualidade para descrever tanto os sacrifícios do judaísmo como o sacrifício de Cristo no cristianismo. O sacrifício judaico é oferecido para obter perdão dos pecados (Hb 5.5; 9.7; etc.) e o sacrifício de Cristo também é oferecido para obter perdão de pecados (Hb 9.12, 14). Neste aspecto a contratualidade é reafirmada pelos próprios sacrifícios: a primeira aliança foi sancionada com sangue dos

sacrifícios (Hb 9.18) e muito mais a nova aliança foi posta em vigor pelo sangue de Cristo (Hb 9.15-17). Sacrifícios estabelecem as alianças.

Uma diferença, contudo, precisa ser enfatizada, utilizando a própria construção teórica de Mauss e Hubert: o sacrifício de Cristo se inclui na categoria de "Sacrifício do Deus".

> Há, no entanto, um caso em que está ausente todo cálculo egoísta. Trata-se do sacrifício do deus, pois o deus que se sacrifica dá sem retorno. É que dessa vez todo intermediário desapareceu. O deus, que é ao mesmo tempo o sacrificante, coincide com a vítima e mesmo, às vezes, com o sacrificador. [...] Eis como a concepção de um deus que se sacrifica pelo mundo pôde se produzir e se tornou, mesmo para os povos mais civilizados, a expressão mais alta e como que o limite ideal da abnegação irrestrita. (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 108-109)

Este parágrafo de Mass e Hubert, embora não faça clara citação ao cristianismo ou ao Novo Testamento, evoca o sacrifício de Cristo como Deus pela humanidade como máximo exemplo da recusa do interesse pessoal e do egoísmo: o divino não espera retorno (Rm 5.8; Jo 3.16; 1Tm 2.5; 1Jo 2.1-2; etc.). A Epístola aos Hebreus reconhece, do início ao fim, que o processo salvífico decorre da graça de Deus (Hb 2.9; 4.16; 10.29; 12.15, 28; 13.9, 25). Assim, o conceito de "sacrifício do deus" apresentado em "Sobre o sacrifício" aplica-se exata e perfeitamente ao principal aspecto do discurso de Hebreus sobre este tema.

Ao final de sua exposição Mauss e Hubert acentuam a ligação do sacrifício com as coisas sociais:

> Para que o sacrifício seja bem-fundamentado, duas condições são necessárias. Primeiro é preciso que haja fora do sacrificante coisas que o façam sair de si mesmo e às quais ele deve o que sacrifica. É preciso, a seguir, que essas coisas estejam perto dele para que ele possa entrar em relação com elas, nelas encontrar a força e a segurança de que necessita e retirar de seu contato o benefício que espera de seus ritos. Ora, esse caráter de penetração íntima e de separação, de imanência e de transcendência, é o que distingue no mais alto

> grau as coisas sociais. Elas também existem ao mesmo tempo, conforme o ponto de vista no qual nos colocamos, dentro e fora do indivíduo. Compreende-se assim qual pode ser a função do sacrifício a despeito dos símbolos pelos quais o crente o exprime para si mesmo. Trata-se de uma função social porque o sacrifício se relaciona a coisas sociais. (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 109-110)

A Epístola aos Hebreus e seu discurso sobre o sacrifício de Cristo trabalha, justamente, estes aspectos sociais assinalados, pois o sacrifício proposto tem efeitos e alvos sociais: dá acesso ao transcendente que outros não podem alcançar (Hb 13.10) e ao mesmo tempo cria uma comunidade social separada (Hb 13.13-14). O sacrifício de Cristo requer a espiritualização dos sacrifícios por meio de ações cultuais e sociais (Hb 13.15-16). A "função social do sacrifício é cumprida tanto para indivíduos como para a coletividade" (MAUSS; HUBERT, 2013, p. 110-111).

CONCLUSÃO

Os aportes teóricos da obra de Mauss e Hubert apesar de datados do Século XIX, precisamente 1899, ainda são úteis como arcabouço teórico para a abordagem da questão dos sacrifícios nos textos neotestamentários. Estes, apesar de nunca citados diretamente em sua obra clássica, ilustram várias das afirmações feitas pelos autores sem sua descrição dos sacrifícios. Assim, demonstram a utilidade do modelo teórico produzido quando encontramos na Epístola aos Hebreus, vários dos elementos descritivos e característicos do sacrifício encontrados pelos autores em sua pesquisa antropológica. Causa estranhamento a pequena utilização deste clássico nos estudos neotestamentários, lacuna esta que este pequeno artigo busca iniciar a preencher.

REFERÊNCIAS

BEHM, J. θύω, θυσία, θυσιαστήριον. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Ed.s). **Theological Dictionary of the New Testament**. Vol. 3. Grand Rapids: Eerdmans, 1964, p. 185-186.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Edição Revista e Atualizada no Brasil. 3ª Edição (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2017.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

JANZEN, David. **The Social Meanings of Sacrifice in the Hebrew Bible**: A Study of Four Writings. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2013.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 27 revidierte Auflage. Stuttgart: Deustche Bibelgesellschaft, 2006.